

Somos juntos

O mais recente relatório da UNESCO – *Repensar juntos os nossos futuros: um novo contrato social para a Educação*¹ – sobre o futuro da educação desafia-nos para a transformação da escola. Alerta-nos para o papel da educação numa resposta eficaz para que os problemas emergentes, que colocam em risco o futuro da humanidade e do planeta, nos convocam. Desafia-nos a que repensemos a escola, que a reinventemos e transformemos e desafia-nos a que o façamos juntos.

Juntos, numa escola em que a pedagogia se organiza à volta dos princípios de cooperação, colaboração e solidariedade. Que promove o trabalhar juntos, com currículos capazes de unir. “A Matemática une” diz-nos o dia internacional da matemática deste ano e muito temos por onde continuar a trabalhar, juntos. Uma escola que contraria uma visão individualista, reprodutora e, por vezes, elitista, que oferece o mesmo para todos, ao mesmo tempo. Uma escola em que “A Matemática é única, mas não é a única” (Canavarro et al., 2021)², que serve o currículo global para o desenvolvimento de áreas de competências, como previsto no Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória, fundadas na interlocução e em estruturas de trabalho cooperativo e colaborativo.

Juntos, de modo a que todos os alunos encontrem oportunidades para aprender e possam ter sucesso. Uma escola de matemática para todos, isto é, em que todos têm o direito a uma educação matemática relevante, em que ninguém fica excluído. Uma escola onde se constroem aprendizagens à medida, que não se orienta por metas que entendem o fracasso com uma fatalidade. Juntos, numa escola onde trabalhamos, e somos reconhecidos, como agentes determinantes de transformação social, pelas nossas práticas pedagógicas cada vez mais orientadas para a autonomia, a liberdade e a inclusão. Uma escola onde, com humildade e criatividade, superamos o paradigma tradicional de que o ensino produz aprendizagem, como nos relembra Ubiratan D’Ambrósio, e levamos os alunos a refletir sobre o mundo que os rodeia, a ouvir os outros, a argumentar, valorizando a sua voz nos processos de aprendizagem, como expressa a Recomendação do Conselho Nacional de Educação.

Juntos, por uma escola que seja modelo de respeito pelos direitos humanos, que não viva ocupada com *coisas da escola* e alheada da vida. Uma escola que permita compreender o mundo e assumir uma cidadania livre e responsável, ligando informação, conhecimento e sabedoria, como recorda Edgar Morin, o verdadeiro conhecimento para compreender a complexidade da vida. Uma escola que seja capaz de impedir, e não alimentar, a escalada de uma guerra. Uma escola em que a matemática tem

um lugar privilegiado na preparação para os desafios de uma vivência democrática, uma “Matemática para o século XXI” (Canavarro et al., 2021), capaz de criar ferramentas de combate à desinformação tóxica, nociva.

Juntos, numa escola que constrói projetos reais, combinados entre os alunos, em que estes possam cooperar e aprender a pensar dialogicamente, onde educar é preparar gerações com algo mais do que especialidades. Porque estruturar o mundo, também matematicamente, é uma atividade que se constrói através de processos de interação e não como um produto de reinterpretação simples e direta. Juntos, por uma escola que se oriente por valores de cooperação e que os assuma no currículo, de forma inequívoca e ao longo de toda a escolaridade. Sem pudores.

Juntos porque não somos sozinhos, somos em conjunto. Somos em conjunto nas associações em que nos envolvemos e permanecemos. Uma permanência que a escrita testemunha. Uma testemunha dos tempos, dos lugares, onde a lembrança viva não chega, como nos diz a escritora Irene Vallejo, no *Infinito num Junco*. Os anos de escrita da nossa revista mostram-nos que somos juntos. Trinta e cinco anos. Os trinta primeiros de livre acesso, mesmo à mão, desde o ano passado, à distância de um clique. São a nossa identidade. Neles permanecemos. Permanecemos quando as políticas educativas oscilam, quando conquistas sociais recuam, quando conexões de entendimento fissuram, quando fantasmas do passado voltam a assombrar. Permanecemos nos valores, na visão, nos princípios que nos alicerçam enquanto profissionais de ensino, de educação em matemática.

Vivemos tempos de transformação, de incerteza e insensatez, mas também de união e permanência. Vivemos no país um novo ciclo político, que se espera de recuperação, mas também de resposta a desafios, com sentido de humanidade. Vivemos na Associação tempos de renovação dos corpos sociais, que exigem que nos mobilizemos, enquanto elementos de pertença. Tempos que nos desafiam. Importa a equipa, ouvia-se no último conselho nacional. Juntos saberemos encontrar soluções. Só juntos conseguimos permanecer porque *n’A APM é sermos assim/A APM é sermos assim/Dizer de viva voz/ Que não estamos sós/Vale a pena estarmos aqui*³.

Transformar a escola juntos, trabalhando juntos dentro e fora da escola, para que os alunos consigam transformar o mundo com empatia e compaixão, como nos recomenda a UNESCO. Trata-se de um novo contrato social da educação, diz-nos António Nóvoa. Um contrato a termo certo: 2050. É para ontem.

HELENA GIL GUERREIRO E MANUELA PIRES
DIRETORA E SUBDIRETORA DA EDUCAÇÃO E MATEMÁTICA

¹Versão original em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000379707>

²Aprendizagens Essenciais de Matemática em <https://www.dge.mec.pt/noticias/aprendizagens-essenciais-de-matematica>

³Hino da APM, letra de José Duarte e música de José Carlos Godinho